

# APRESENTAÇÃO

O Dossiê *Educação Básica e Universidade: redes de formação docente na América Latina* compartilha pesquisas e práticas de formação de professores(as) vivenciadas em redes. O conjunto de artigos aqui apresentados discute experiências pautadas em uma perspectiva epistemopolítico decolonial, a qual busca legitimar movimentos vividos na docência da Educação Básica que fogem à lógica hegemônica da racionalidade técnica e instrumental.

Em diferentes países da América Latina, as políticas oficiais de formação docente implementadas investem em ações onde “o que fazer” e o “como fazer” estão definidos a priori pelos(as) formadores(as). Esse modelo de racionalidade técnica e instrumental criticado, com veemência, há quase quatro décadas, mas ainda hegemônico, invisibiliza saberes, fazeres e experiências docentes vividas nos cotidianos das escolas; limita e reduz a participação dos(as) docentes nos processos vivenciados; investe na repetição e despotencializa a criação e a invenção. Assim, o processo de formação de professores(as) é atravessado, na maioria das vezes, pela razão indolente em que se hierarquizam e selecionam conhecimentos que compõem ações, propostas e políticas de formação. Santos (2000) situa a razão metonímica como uma das formas da razão indolente, a qual reivindica uma única racionalidade, inscrita de forma monocultural, homogênea, monológica e dicotômica. Há uma subalternização das epistemes que se distinguem neste modelo, gerando a colonialidade do saber e, ressaltamos, do poder!

Na contramão dessa racionalidade, assentada no paradigma dominante, buscamos as disrupções produzidas nas emergências, na coletividade, nas comunidades, nas redes construídas pelos(as) docentes nas interações com o mundo escolar e não escolar. Ao tratar de redes de formação, partimos da noção de um

[...] fazer coletivo que rizomatiza, transversaliza e horizontaliza distintas formas de conhecer e saber [...]. A rede de formação é um território intersticial, espaços e tempos de fissuras e interrelações constituídos de epistemologias, ontologias e cosmologias. (RIOS, 2022).

Os princípios da horizontalidade, igualdade, alteridade e diferença, constitutivos de ações formativas na perspectiva das redes, interrogam esse modelo prescritivo de formação. Exigem ações que privilegiem o encontro com o outro, a interação entre pares, a socialização através de narrativas, orais e/ou escritas, das práticas pedagógicas e, sobretudo, o reconhecimento do(a) professor(a) como autor(a) e pesquisador(a) da própria prática. Princípios construídos nos processos experienciados por grupos e coletivos que, desde a década de 1980, organizam e vivenciam encontros e reuniões para (com)partilhar propostas de formação e de organização do trabalho docente comprometidos com uma educação libertadora. Grupos e coletivos que passam a se organizar em redes de formação docente em diferentes países latino-americanos. Redes que visibilizam e fortalecem movimentos pedagógicos, educativos, interculturais, éticos e políticos de lutas, resistências, (re)existências, criação e invenção.

O Dossiê é composto por quatorze artigos que tratam da temática proposta e nos falam de desafios e (des)aprendizagens experienciadas nos encontros vividos, nos estudos, pesquisas e conversas nos quais perguntas circulam e provocam pensar, movimentando possibilidades para interrogar o já conhecido, para criar, inventar e diferir. O trabalho é dividido em três sessões: a primeira volta-se para a publicização de experiências de pesquisa e formação construídas em Redes que interrogam formas de produção do conhecimento pedagógico insaturadas nos processos de formação docente

em diferentes países de nossa América Latina, pautados em ações que se movimentam em torno de outras epistemes ético-políticas e pedagógicas. Na segunda, os artigos tratam da abordagem decolonial como base epistemológica de pesquisa relacionada ao trabalho com a formação de professores a partir de alguns coletivos vinculados à Educação Básica e à Universidade. E a terceira nos convida a refletir sobre a relação universidade e escola a partir de experiências com pesquisas e formação docente que mobilizam o cotidiano dos(as) docentes, a luta dos(as) professores(as) e a construção complexa da *matéria e da obra-prima da docência*.

Iniciamos o Dossiê com o artigo *Redes de formação, investigação e pedagogia: documentação narrativa de coletivos docentes junto à universidade*, escrito por Daniel Suárez e Paula Dávila, docentes da Universidade de Buenos Aires (UBA), que nos fala de ações realizadas na e com a Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas. Uma rede que convidou e acolheu, muitos de nós brasileiras e brasileiros, a nos enredarmos “a coletivos de docentes, universidades, sindicatos, organizações comunitárias e governos educativos democráticos que se mobilizam e se articulam em rede para disputar sentidos pedagógicos investigando suas experiências escolares, promovendo processos de (co)formação entre pares, e intervindo em termos político-pedagógicos no debate público e especializado em educação”.

Daniel Suárez e Paula Dávila, em seu artigo, iniciam suas reflexões pensando no contexto atual de um mundo em Pandemia. O que este cenário pandêmico tem deslocado, interrompido e fortalecido? Que lugar ocupam a experiência do encontro, a amizade, a horizontalidade, a acolhida amorosa e a conversa? Que outros modos de expressar e problematizar a escola, seus tempos, seus espaços e práticas são possíveis?

No pensar com essas perguntas, a defesa do trabalho com narrativas de experiências como estratégia de investigação educativa, como

dispositivo de formação de docentes e como obra pedagógica que intervém no campo se configuram ao longo do texto. A aposta realizada é a de produzir coletivamente, em redes de formação docente, processos de criação, circulação, publicação e debate de saberes locais, saberes narrativos, sobre a educação. Afinal, defendem o autor e a autora “[...] a investigação e a formação pedagógica em rede são de inestimável importância para pensar o educativo e os mundos escolares como territórios vitais cuja construção permanente é sempre singular, porém situada histórica, geográfica e institucionalmente, onde se colocam em tensão múltiplos sentidos, miradas, enfoques e interpretações diferentes do que ai acontece”.

No artigo seguinte – *Entre redes e coletivos docentes latino-americanos: tecituras em experiências formativas* –, Mairce da Silva Araújo, Regina Aparecida Correia Trindade e Danusa Tederiche Borges de Faria elegem como foco “experiências entre redes e coletivos docentes latino-americanos, no contexto da pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-19, tomadas como movimentos de *investigaçãoformação*”. Duas experiências vivenciadas entre Brasil e Peru, no ano de 2020, são apresentadas e nos convidam a pensar na perspectiva de formação docente em redes, reafirmando a potência “do diálogo entre redes como uma experiência instituinte; a indissociabilidade das dimensões pedagógicas e política dos processos educativos; e a importância do movimento coletivo de luta latino-americano pela educação como prática de liberdade e humanização”. Lição, afirmamos, aprendida com Paulo Freire há tempos e que vem sendo praticada e atualizada por coletivos e redes de docentes, não nos deixando esquecer da força transgressora do coletivo e dos encontros!

No próximo artigo – *Singularidades de las redes académicas de los maestros en Colombia* –, o professor Fabio Jurado Valencia destaca a necessidade de distinguirmos entre “redes acadêmicas de caráter institucional, como as promovidas pelos ministérios ou secretarias de

educação ou por uma determinada instituição educativa e as redes acadêmicas fundadas por iniciativas de grupo de professores e professoras cuja singularidade é a autonomia intelectual e a independência a respeito dos modos de analisar os problemas da educação”. E, nesse processo de diferenciação e reflexão, nos fala de redes de formação docente na relação entre a escola e a universidade. O referido professor ressalta características próprias de redes de formação e, nesse processo, o que compreende e defende por “redes acadêmicas” ganha corporeidade. Apresenta-nos uma das mais reconhecidas redes de docentes colombianas, a Red Colombiana para la Transformación de la Formación Docente en Lenguaje, trazendo sua história, finalidades, princípios éticos, práticos e teóricos, enredamentos com outras redes de diferentes países, como México, Chile, Argentina e Brasil, ações e projetos e, também, os encontros nacionais que, a cada ano, reúnem docentes vinculados a *24 nodos de la red*. Autoria docente e discente, diálogo, projetos coletivos, transversalidade do conhecimento e investigação ganham força durante esta parte do texto. Fabio Jurado finaliza seu artigo afirmando que nas redes acadêmicas professores e professoras (da escola básica) se empoderaram e assumem as redes como tempos e espaços estratégicos para canalizar resultados de suas investigações e inovações.

Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro e Maria Yanet Gómez Sosa, professora e professor brasileiros e professora colombiana, respectivamente, no quarto artigo deste Dossiê – *Del encuentro-maestro, del cuidado y de las redes y colectivos docentes en América Latina* –, elegem a narrativa como gênero textual, metodologia de pesquisa e fenômeno investigado na tessitura de alguns pontos de vista acerca do movimento de redes e coletivos de formação docente. Destacam, ao longo do artigo, princípios possíveis de serem percebidos no processo comunitário de trabalho e organização em redes docentes. O diálogo com saberes e experiências narradas envolvendo o encon-

tro com cosmologias de povos tradicionais de nossa América Latina faz presença no texto e provoca-nos a pensar e a conversar sobre redes de formação docente a partir do *cuidado* com a família, com a palavra e com a água. Como formar(se) e educar sem cuidar? Perguntamos as autoras e o autor deste artigo. Ele e elas afirmam que “[...] o cuidado nos processos educativos e coformativos é uma aposta ética. Uma ética pensada a partir da alteridade, diferença, dissonância, da singularidade, do cotidiano, da dialogicidade e da experiência. Aposta que exige presença, atenção e escuta”. E esse cuidar é um princípio pulsante nos coletivos e redes docentes. Estarmos atentos, destacam, não somente ao que falar, mas, a como falar. Como escutar. Como criar espaços de escuta e de conversa.

O artigo nos conta ainda, nesse movimento, sobre o *IX Encuentro Iberoamericano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores y educadoras que hacen investigación desde su escuela y comunidad*, realizado no ano de 2021, de modo virtual, no contexto da Pandemia da Covid-19, sob a coordenação geral do Colectivo de Convocantes de Colombia. Um contar reflexivo que registra narrativas e memórias do vivido em uma experiência inovadora para a maioria das redes participantes – as mingas de pensamento pedagógico. Margarita, uma professora, ressalta que “as mingas são para compartilhar, conversar, são parte de um saber milenar”, e uma artesã e docente indígena, ao som de uma flauta andina, sublinha: “somos mensageiros da palavra que nos permite pensar e atuar bonito, a seguirmos tecendo redes”. Compreendemos ser este um convite interessante. Vamos?

Maria Cristina Pansera de Araújo e Sandra Elisabet Bazana Nonenmacher, em *Proceso formativo coletivo em redes de docentes investigadores desde e na escola*, narram suas trajetórias como docentes universitárias na relação com a educação básica e tratam, mais especificamente, da experiência investigativa-formativa construída pela Rede de Investigação na Escola (RIE), que envolve as escolas do esta-

do do Rio Grande do Sul, desde sua constituição vinculada a projetos de pesquisa e formação construídos coletivamente naquela região do Brasil. O artigo apresenta processos e princípios de constituição do trabalho realizado em redes e, sobretudo, o percurso formativo com os(as) docentes desenvolvido *desde e na escola*. Como nos revelam as autoras, a proposta do trabalho em rede é tecido em diálogos e interações formativas mobilizadas por práticas de liberdade e emancipação social nos diálogos e interações sobre ensinar e aprender.

*Coletivo de docentes narradores(as): o tecer das redes de investigação-formação na escola*, escrito por Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios e Leandro Gileno Militão Nascimento, aborda reflexões sobre a constituição de redes de formação docente a partir do trabalho com coletivo de docentes no estado da Bahia, no Brasil, através da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. A autora e o autor apresentam a experiência construída pelo Coletivo Baiano de Docentes Narradores(as) realizada em coformação entre escola e universidade, a partir da articulação com redes de formação latino-americanas na vivência de princípios e ações pedagógicas que mobilizam a formação pautada em “outra epistemologia sobre a escola” e suas contribuições no debate sobre a formação docente na Educação Básica.

O artigo *La literacidad digital en tiempos de incertidumbre*, de autoria de Roberto Isidro Pulido Ochoa, relata experiência de pesquisa e formação da Red Leo, envolvendo professores e professoras do estado de Oaxaca, no México. O autor é professor pesquisador da Universidade Nacional do México e aborda a temática a partir do trabalho de formação realizado através da Pedagogia de Projeto e dos Novos Estudos sobre Literacidade (NEL). A experiência pedagógica apresentada situa-se no contexto da Pandemia em que as tecnologias digitais estabelecem uma interface com a leitura e a escrita produzidas no trabalho colaborativa e coletivo realizado pela Rede.

Nessa perspectiva de construção do trabalho pedagógico em redes de formação, o artigo *Cirandar entre cirandas de escrita: experiências de formação em rede*, de Aline Machado Dorneles e Maria do Carmo Galiazzi, apresenta um relato histórico do trabalho desenvolvido pelo Cirandar – coletivo ligado à Rede de Investigação na Escola – a partir de um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em colaboração com os(as) docentes da Educação Básica. De acordo com as autoras, o projeto aposta em uma proposta de formação horizontal entre escola e universidade a partir da “experiência docente partilhada nas rodas de formação em rede, fomentada pela escrita de relatos de experiência, na leitura entre pares e na reescrita desses relatos”.

O artigo *Rede nacional das licenciaturas em ensino religioso e o movimento de decolonização religiosa da escola*, de Elcio Cecchetti e Anderson Luiz Tedesco, contextualiza as contribuições da Rede Nacional de Licenciaturas em Ensino Religioso (RELER) no trabalho de decolonização religiosa na escola. É um trabalho de pesquisa documental que mobiliza estudos voltados para compreender o processo de criação e transformação do trabalho com o ensino religioso e suas interfaces com os estudos decoloniais. O estudo revela, entre outros aspectos, o protagonismo da RELER no processo de formação de professores(as) na articulação do trabalho em rede com a Universidade e a escola.

Também no diálogo teórico com os estudos decoloniais e a formação de professores(as), Luciane Rocha Paes, Jucinôra Venâncio de Souza Araújo e Rita Floramar Fernandes Norte, no artigo *Epistemologia intercultural decolonial e a educação escolar indígena em contexto urbano: entre formação/identidade/práxis de professores indígenas na cidade de Manaus-AM*, discutem o resultado de uma pesquisa realizada sobre a educação escolar indígena e os processos de formação construídos no coletivo da comunidade. A base do trabalho

é a abordagem intercultural decolonial, na interface com as pedagogias decoloniais indígenas, como fundamento para compreendê-la como uma epistemologia de resistência dos professores indígenas na perspectiva da emancipação.

O artigo *Notas de uma metodologia contracolonial teórico-brincante: encontros de educadoras e educadoras a “qual” distância?*, de autoria de Lucia Cavalieri, Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello e Lea Velocina Tiriba, apresenta reflexões sobre pesquisa realizada a partir da abordagem contracolonial no trabalho com a formação docente a partir de produção de práticas ecológicas, populares e libertárias. Trata-se de um recorte da experiência desenvolvida em Curso de formação continuada, um Curso de Extensão, vinculado a uma universidade federal do Rio de Janeiro. Para as autoras, a metodologia contracolonial teórico-brincante “trata-se de práticas realizadas e reavaliadas nas rodas, nos coletivos de educadores, nas quais a troca, a conversa e o diálogo constituem condição de aprender-fazer-sentir”.

*A formação entre pares como ação ética e política*, de Josiane Jarline Jäger e Marta Nörberg, discute experiências de pesquisa entre universidade e escola realizada a partir da formação entre pares desenvolvida pelo Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). O estudo documental parte de um dos princípios que sustenta a formação em rede no que se refere ao trabalho entre pares, considerando a ética e a política como dimensões da docência.

*Lutas e formação para professorxs outrxs*, de Sueli de Lima Moreira, Graciane de Souza Rocha e Aldaléa Figueiredo dos Santos, traz resultados de trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa Ação Pedagógica Coletivo Investigador, inspirados na perspectiva das pedagogias latino-americanas, em articulação com as lutas docentes, o cotidiano escolar, a relação escola-universidade a partir de pesquisa fundamentada em teorias decoloniais. Como relatam

as autoras, “O foco do trabalho recai sobre a dimensão coletiva da prática docente, que se realiza por meio da colaboração, reconhecendo a complexidade do trabalho pedagógico, que exige o desenvolvimento de outras diretrizes para a formação docente”.

E, por fim, o artigo *Composições complexas de uma formação: entre a matéria-prima e a obra-prima do professor*, de Luciana Pacheco Marques e Allan Willian de Jesus, que, a partir de experiências cotidianas vivenciadas com docentes em Minas Gerais e embasados na teoria da complexidade, problematizam a construção do conhecimento do professor e o seu lugar no “rearranjo da formação”. Ao longo do texto, três perguntas nos convidam a pensar acerca da matéria-prima e da obra-prima da docência a partir da complexidade que constitui o ser e o saber do(a) professor(a). São elas: “E se a atenção impulsionar a matéria-prima do professor”; “E se a percepção atravessar a matéria-prima do professor?”; “E se a coerência abalasse a matéria-prima do professor?” Perguntas que interrogam e afirmam a presença da atenção, da percepção e da coerência na matéria-prima do professor. Que possibilidades abrem? Abrem possibilidades?

Após esse conjunto de textos temáticos que compõem essa edição da Revista da FAEEBA, temos a Seção Estudos com o artigo intitulado *O cenário da formação de professores dos anos iniciais: o caso da cidade do Rio de Janeiro*, de Silvana Soares de Araujo Mesquita, que aborda estudos realizados acerca da formação inicial e suas interfaces com a profissionalização docente. O trabalho resulta de uma pesquisa quantitativa realizada a partir de microdados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a partir do Censo da Educação Básica, do Censo do Ensino Superior e do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. A partir dos dados colhidos, a autora dialoga com três cenários que compõem a pesquisa: a formação inicial, o curso de pedagogia e o curso normal.

Diante da riqueza das pesquisas e experiências formativas escritas e inscritas neste Dossiê, convidamos os diferentes leitores e leitoras a ampliarem a rede de formação a partir dos múltiplos sentidos ético-políticos que serão produzidos acerca da relação escola-universidade no processo de construção de outra política de formação e de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios. Narrar a vida-profissão: por outras redes de (trans) formação. **Revista Tramas**, 2022. No prelo.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

**Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios**  
**Carmen Sanches Sampaio**  
Organizadoras do dossiê temático